

O DOMÍNIO DA LÍNGUA CASTELHA NA SOBRE O GUARANI PARAGUAIO

Eduardo de Almeida Navarro (USP)

RESUMO

Este artigo mostra alguns aspectos de uma forma de dominação cultural presente no Paraguai, a saber, a influência do castelhano sobre o guarani paraguaio, tanto em nível morfossintático quanto em nível lexical, analisando as causas e as características de tal fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE : guarani paraguaio - bilingüismo - diglossia

INTRODUÇÃO

No Pós-Guerra, com a difusão da ideologia do desenvolvimento e da modernização econômica pela periferia capitalista, instaurou-se uma profunda crise de valores naqueles países de forte tradição cultural indígena, cujas burguesias nacionais, embaladas pela ilusão da modernidade, passaram a considerar as línguas indígenas nacionais fatores de atraso social e econômico. Tal foi o caso do Paraguai, onde a língua guarani, que definiu a própria identidade nacional do país, era mal estudada e seu uso era reprimido nas escolas e nas repartições públicas.

Tal desprezo oficial pela língua indígena clássica do país, que a manteve afastada das escolas, acentuou um fenômeno que já ocorria antes, a saber, a profunda influência do castelhano na sintaxe e na morfologia do guarani dito “paraguaio”, isto é, aquele usado nacionalmente, inclusive nos meios urbanos, fora das comunidades indígenas ainda subsistentes no país, consideradas falantes de formas “puras” da língua.

Tal influência faz do guarani paraguaio um autêntico “jopará” (*mistura, mescla*, em guarani), que lentamente destrói os traços autenticamente indígenas do guarani, distanciando-o do guarani clássico, falado na época das missões jesuíticas, nos séculos XVII e XVIII. Somente na década de noventa, com a promulgação da nova constituição do Paraguai, que elevou o guarani à condição de língua oficial, ao lado do castelhano, com sua conseqüente inserção no currículo

da escola fundamental, é que o guarani passou a ser estudado sistematicamente no país. O grande desafio do Instituto de Lingüística guarani do Paraguai é justamente livrar o guarani paraguaio de tantos espanholismos.

Seria, assim, a gramática do guarani paraguaio um artifício lingüístico? Ao guarani paraguaio incorporaram-se de 4.500 a 5.000 palavras castelhanas, cifra que se compara com o total de palavras contidas no clássico “Tesouro de la Lengua Guarani”, de Ruiz de Montoya, de meados do século XVII, obra que apresenta o guarani clássico.

Pode-se, assim, ter uma idéia do alcance de domínio da língua castelhana sobre a guarani. Tal diversidade de “status” entre os dois idiomas é evidente, identificando-se a língua espanhola como a “língua de cultura” e os ramos “puros” do guarani (Mby ‘á, Pai e Chiripá) são vistos como “dialetos incultos”. À mescla hispano-guarani denomina-se “guarani paraguaio” ou “jopará”, chamado por alguns “guarani rioplatense”.

Há nítida consciência entre o povo paraguaio de que ele fala o “Jopará” e de que somente os índios “semi-isolados falaria o guarani “puro”, que é visto, assim, com desdém pelos apologistas da modernização, do desenvolvimentismo, que têm grande número de pessoas entre os seus seguidores. É visível o subdesenvolvimento econômico do Paraguai e muitos encaram o guarani como uma língua inadequada para as exigências do mundo moderno, da era tecnológica. Contra tal visão insurgem-se muitos estudiosos e lingüísticas, muitos deles congregados em torno do Instituto de Lingüística Guarani, que busca definir vocabulário que seja adequado às necessidades dos tempos modernos (à semelhança do que fazem os eruditos da Academia Hebraica de Jerusalém), criando, assim, os necessários neologismos, ao mesmo tempo em que busca preservar a pureza do idioma.

Muitas vezes, porém, as iniciativas dos eruditos de tal instituição são consideradas artificiais e alheias à realidade cultural do povo paraguaio, que absolutamente as desconhece.

Visível é também a desproporção entre a quantidade de conhecimento gramatical que um estudante paraguaio recebe de língua

castelhana e a que recebe de língua guarani. Como já dissemos, somente há pouco tempo o guarani passou a ser ensinado e a figurar de forma sistemática no currículo das escolas secundárias e, mesmo assim, em muitas partes com pouco mais de uma hora por semana. Na escola primária, por outro lado, que é onde se fundam os alicerces da cultura do indivíduo, em que se formam hábitos de leitura, a língua guarani não era aprendida na escola até 1991. Este idioma tem sido, até há pouco tempo, aprendido informalmente. A maior parte da população aprendeu o guarani em casa e o castelhano como um segundo idioma. A aprendizagem do castelhano ocorre, assim, em circunstâncias formais e, por tanto, o uso desta língua se restringe também a ocasiões formais. Deste modo, pouco estudado na escola e com uma gramática conhecida plenamente e corretamente por poucos, o guarani paraguaio, tanto em nível morfológico quanto sintático, distancia-se visivelmente das formas puras do “Tesouro de la lengua Guarani”, do Padre Montoya e dos ramos “puros” da língua que anteriormente citamos.

Pode-se, com efeito, em vista do que anteriormente se afirmou, falar de um autêntico bilingüismo do Paraguai?

O bilingüismo é a realidade em muitas partes do mundo, como no Canadá (o francês e inglês), na Espanha (o castelhano, juntamente com o basco, o catalão e o galego), no Reino Unido (o inglês e o gaélico), na extinta U.R.S.S. (o russo e os vários idiomas das repúblicas outrora confederadas). Semelhanças há com a realidade lingüística do Paraguai:

– O catalão e o basco na Espanha não gozam do mesmo “status” de língua de “civilização” como é o caso do castelhano. O mesmo se pode dizer em relação ao gaélico no Reino Unido e com relação a muitas outras línguas de grupos minoritários da Europa.

– Pouca importância oficial foi dada ao estudo de tais línguas, notadamente por razões políticas. A Espanha de Franco tolheu quaisquer iniciativas que tendessem a valorizar culturas minoritárias de povos com aspirações separatistas. O mesmo ocorreu na extinta URSS, em vista da problemática étnica, sendo o russo a língua oficial e gozando as línguas das repúblicas de menor prestígio.

A principal diferença, todavia, entre a realidade lingüística de

tais países e a do Paraguai é que este último é herdeiro de uma língua aborígine, língua de um povo considerado “primitivo”, selvagem, cuja natureza “humana” teve de ser formalmente definida em encíclica papal no século dezesesseis.

Como compreender, pois, o guarani paraguaio senão em vista de seu caráter de língua colonizada? Poder-se-ia afirmar a exigência de um autêntico bilingüismo onde o “status” das línguas faladas é tão diferente? Pode-se, sim, conforme afirma Bartomeu Meliá em vários trabalhos seus, chamar “diglossia” à realidade lingüística do Paraguai. Bilingüismo há, sim, no Canadá, na Suíça, em que as principais línguas faladas não diferem em seu “status” de língua de “cultura”, mas tal não é a realidade paraguaia e demonstra-o completamente o domínio do castelhano sobre o idioma guarani tanto em nível morfológico quanto em nível sintático, conforme passaremos a mostrar mediante alguns exemplos.

O GUARANI PARAGUAIO

A língua guarani pertence à família lingüística tupi-guarani, que compreende línguas que se falavam na América pré-colonial por povos que viviam a leste da Cordilheira dos Andes desde o mar Caribe até o rio da Prata, e são faladas hoje em dia tanto por populações integradas à sociedade de seus respectivos países como por etnias que preservam ainda suas culturas autóctones no Paraguai, norte da Argentina, Bolívia e no Brasil.

No Paraguai podem-se diferenciar três variedades de guarani quase incompreensíveis entre si: o *missionário* ou *jesuítico*, o *tribal* e o *guarani paraguaio*.

O guarani missionário falou-se na área e no tempo de influência das missões jesuíticas, entre 1632 e 1767 e depois foi desaparecendo paulatinamente até que se extinguiu definitivamente em torno de 1870, mas tendo deixado importantes documentos escritos.

O guarani tribal é falado por cinco ou seis etnias assentadas dentro do território paraguaio e limitadas geograficamente.

O guarani paraguaio é falado por quase a totalidade da população do país (94%), que é de cerca de quatro milhões de habitantes,

pelo que é a variedade de guarani que conta o maior número de falantes. A descrição que apresentamos neste trabalho se refere a ele.

No guarani que denominamos “paraguaio” parecem não existir diferenças dialetais por localização geográfica. Existem, todavia, diferentes proporções de interferências do castelhano, principalmente no léxico e também algumas na fonética e na morfossintaxe.

Este grau de interferência depende, geralmente, da localização geográfica, urbana ou rural dos falantes, sendo variável o grau de pureza e de riqueza do léxico. Nos centros urbanos e principalmente na capital fala-se o “Jopará”, mescla de guarani e de castelhano, mas com estrutura do guarani, que Meliá já considerou como uma tendência para uma terceira língua. O Jopará seria o guarani paraguaio com grau máximo de interferência do castelhano.

ALGUNS EJEMPLOS DE ESPANHOLISMOS NO GUARANI PARAGUAIO

Em nossa presente pesquisa, servimo-nos de duas fontes: textos em guarani paraguaio e trechos de diálogos travados com pessoas residentes em Assunção, São Pedro de Ykuamandyju e Pedro Juan Caballero, os quais reproduzimos por escrito.

Os textos em guarani paraguaio dos quais nos servimos foram os seguintes (a citação bibliográfica completa será feita no final deste trabalho).

- 1) *Curso Breve del Idioma Guarani*, de Pablo Scott, S.V.D.
- 2) *San Francisco de Asis*, de Valentino Turetta.
- 3) *Hablemos el Guarani*, de Diego Ortiz, SI, Nível 1, 2,3 e 4.
- 4) Sanabria, Lino Trinidad, Platero ha Che, versión Guarani de *Platero y Yo* de Juan Ramón Jiménez. Asunción,
- 5) Meliá, Bartomeu et al., *El Guarani a su Alcance*. Asunción, CEPAG, 1992.

Abordaremos a questão da interferência do castelhano no Guarani Paraguaio por meio de exemplos tomados das obras anteriormente citadas, ”às quais faremos referência por meio de abreviaturas. Quando o

exemplo citado tiver fonte oral não faremos referência alguma.

EXEMPLO 1 (Scott, *Curso Breve*, p.5)

A – MBA’EREPA CARLOS OHO ENCARNACIONPE?

Porque Carlos se va hacia Encarnación?

OGUERU HAGUÃ ISYPEPA?

Para traer a su madre?

B- MBA’EREPA JAHA ARUPI?

Porque nos vamos por aqui?

JAGUERU HAGUÃ KAMBY ÑA MARIA ROGAGUI.

Para traer leche desde la casa de doña Maria.

Em castelhano, quando o objeto é uma pessoa, é necessário utilizar-se a preposição *a* após o verbo. As frases em guarani fazem o mesmo, comportando-se o verbo GUERU da mesma forma que o fazem o verbo traer, utilizando-se a preposição -PE, que é a que corresponde à preposição espanhola *a*. Note-se que no segundo exemplo não se emprega a preposição -PE, justamente porque o castelhano não utiliza *a*. Diz-se: “*Traer leche*”, mas “*Traer a tu padre*”. Sempre que o castelhano empregar o *a* em tais condições (isto é, acompanhando o objeto), o guarani paraguaio empregará -PE. A interferência da sintaxe castelhana sobre o guarani é, aqui, evidente.

EXEMPLO 2 (Scott: *Curso Breve*, p. 5)

ROJUTA PARAGUAIGUI PORQUE ROIPOTA ROHECHA ORE SYPE.

Vinimos de Assunción porque queremos veer a nuestra madre.

A conjunção coordenativa explicativa *porque* do castelhano passa, cada vez mais, a ser usada quando a oração introduzida pela conjunção é extensa. Dir-se-ia mais corretamente:

ROJUTA PARAGUAIGUI ROIPOTA ROHECHA RUPI ORE SY.

Observa-se a utilização do -PE, haja vista que o verbo “veer” (-HECHA), tendo “madre”(SY) por objeto, exige a preposição *a* em castelhano:

Veer a nuestra madre.

Rohecha ore sype.

EXEMPLO 3

MBA'EICHAPA LA PORTE? (Meliá: *El Guaraní a su Alcance*, p. 11)

Como estás?

Introduz-se lentamente no guarani paraguaio o uso do artigo definido castelhano (no caso, “**la**”).

EXEMPLO 4

A- **LA ESKUELA NDACHEGUSTAI.**

La escuela no me gusta.

B- **OGUSTAPA CHUPE LA KLASE?**

Le gusta a el la clase?

Observe-se no exemplo A- o uso do artigo definido do castelhano numa frase em guarani paraguaio. A regência do verbo *gustar* do castelhano é imitada fielmente pelo guarani e uma forma guaranizada do verbo espanhol é utilizada (GUSTA) com a construção guarani típica para a negativa:

NDA +VERBO +I

Com efeito, conjuga-se tal verbo em guarani paraguaio da seguinte forma:

PRESENTE DO INDICATIVO

Afirmativa
che **chegusta**
nde **ndegusta**
ha'e **igusta**
etc.

Negativa
ndache**gustai**
nandeg**ustai**
ndaig**ustai**
etc.

Observe-se também nos exemplos A- e B- o uso do artigo definido castelhano *la*, inadmissível nos ramos puros do guarani. Vê-se aí também o emprego dos termos castelhanos *escuela* e *clase*, guaranizados na escrita.

EXEMPLO 5 (Ortiz: *Hablemos el Guaraní*, vol.3, p. 29)

EREMI PEDRO ORREGALA HAGUE NDEVE PLATA.

Dice que Pedro te regaló dinero.

O emprego de um verbo espanhol (regular) com forma e construção guaranis novamente ocorre neste exemplo. Observe-se o emprego “plata” (dinheiro), do castelhano, mesmo havendo em guarani termos correspondentes (VIRU, PIRAPIRE).

EXEMPLO 6 (Scott: *Curso Breve*, p.166)

CHE AJUHU ICHUPE.

Yo lo encuestro a él.

É da índole do castelhano utilizar, pleonasticamente, o pronome pessoal do caso oblíquo”lo, la”em sua forma analítica (a el , a ella), depois de ter antes empregado aquelas primeiras formas átonas. A forma analítica vem após o verbo. O guarani paraguaio imita tal construção do castelhano e o *ICHUPE* ou *CHUPE* é a forma correspondente a *a él, a ella*, aí aparecendo a posposição –PE (*a, para*).

Em guarani paraguaio diz-se: CHE ANHYVO ICHUPE (Eu flecho a ele). A forma *ICHUPE* é influência do castelhano. Num guarani tribal dir-se-ia: CHE AINHYVO.

O pronome pessoal objetivo de 3^o pessoa seria *I* e permaneceria entre o prefixo A de 1^a pessoa do singular e a raiz verbal (NHYVO). No tupi antigo dos índios Tupinambás do Brasil aquela frase escrever-se-ia: CHE AIJYBÕ.

Vê-se, novamente, que, às vezes, o guarani clássico aproxima-se muito mais do tupi antigo que do guarani paraguaio da atualidade.

EXEMPLO 7 (Turetta: *S. F. Assis*, p.13)

PE MBA EASY OMOKANGY PERO NDOITYRI ICHUPE.

Esa enfermedad lo debilitó a el pero no lo hizo caer.

A oração coordenada adversativa é introduzida pela conjunção espanhola “pero” e não pela forma guarani existente “há katu”.

EXEMPLO 8 (Turetta: *S. F. Assis*, pg.13)

PERO, MBA'E PIKO LA AJAPO VAERÃ?

Pero, que es lo que tengo que hacer?

O *lo*, utilizado como objeto na frase espanhola, é um pronome indefinido (significa “aquilo”). O guarani paraguaio utiliza a forma *la*, nítida adaptação do *lo* castelhano numa construção guarani.

EXEMPLO 9 (Turetta: *S. F. Assis*, p. 43)

IPOCHYETEREI OHECHAVO MBA'EICHAPA ITA'YRA DE 25 AÑOS

Ele estava muito zangado ao ver como seu filho de 25 anos

OHEJA REI PE MUNDO HÁ NOIPYTYVÕI ICHUPE HEMBIAPOPE

deixava sem motivo o mundo e não ajudar a ele em seu trabalho

OÑEMU HAGUÃ COMERCIOPE, OGANA HAGUÃ PLATA.

para atuar no comércio e para ganhar dinheiro...

A relação entre os termos “ta'yra” e 25 años é feita pela posição espanhola *de*, algo inadmissível na língua guarani clássica. O correto seria dizer: Ita'yra 25 ari rehe.

Também se verifica no texto acima o emprego do artigo *PE*: *PE MUNDO* - o mundo, inexistente no guarani clássico. Vê-se, além disso, o emprego de termos castelhanos *comercio*, *plata*, *ganar* (este último na forma guaranizada GANA)

CONCLUSÃO

É muito evidente a hibridização que caracteriza o guarani paraguaio, notadamente daquela modalidade dita “Jopará”. Ele difere fundamentalmente do guarani clássico. Designar esta fala híbrida com o nome “Guarani” é, como já fica dito, induzir em erro o investigador desconhecedor da língua. Cremos que o nome “Guarani” deveria reservar-se para designar o “clássico” de Montoya e as falas não contaminadas em que os vários subgrupos conservam seus textos míticos, todas elas muito superficialmente conhecidas.

Antigas e renovadas são, porém, as dissensões acerca da necessidade de se purificar o guarani das influências alienígenas que o empobrecem e fazem-no despir de sua primitiva força de coesão nacional. Intui-se claramente que, no Paraguai de hoje, a campanha cí-

vico-nacionalista de defesa da cultura autóctone significa, em grande parte, lutar pela ampliação da língua guarani no currículo da escola primária e, uma vez que o guarani já foi elevado, juntamente com o castelhano, à condição de língua oficial do Paraguai, elevar o grau de conhecimento gramatical da língua pela população por meio de maior número de aulas nas escolas.

É sabido que a sociedade paraguaia ganhou há alguns anos uma nova constituição. Tais medidas acima esboçadas emergem como condição indispensável para o fortalecimento da nacionalidade e da identidade pátria. Sem isto, é patente que a língua e a cultura que outrora floresceram nas planícies e nas florestas de vasta área da América do Sul corre o risco de diluir-se e de perder-se numa cultura tecnicista e massificante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELIÁ, Bartomeu, Hacia una tercera lengua en el Paraguay. In *Sociedad y lengua. Bilingüismo en el Paraguay*. Tomo I. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, Asunción, 1982.

MONTOYA, Antônio Ruiz de, *Arte de la Lengua Guarani, ó más bién Tupi*. Viena - Paris, 1876.

———. *Vocabulario de la Lengua Guarani*. Viena-Paris, 1876.

———. *Tesoro de la Lengua Guarani*. Viena-Paris, 1876.

———. *Catecismo de la Lengua Guarani*. Ed. de Julio Platzmann, b. G. Teubner, Leipzig, 1876.

ORTIZ, Diego, *Hablemos el Guarani*, 1, 2, 3 e 4. Asunción, CEPAG, 1985.

SCOTT, Pablo, *Curso breve del idioma Guarani*. Congregación del Verbo Divino, Asunción, 1981.

TOVAR, Antonio, Español y Lenguas Indígenas, In: *Sociedad y lengua. Bilingüismo en el Paraguay*. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, Asunción, 1982.

TURETTA, Valentino, *San Francisco de Asis*. Asunción, 1986.